PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO P.C. DO BRASIL

Nº 44 Agôsto de 1970 Ano VII

Romper a Passividade

A última reunião do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil voltou a colocar, com ênfase, para as organizações e militantes comunistas, a necessidade de impulsionar a campanha de revolucionarização de suas fileiras a fim de que o Partido possa se colocar à altura de suas responsabilidades históricas. A direção do Partido, numa resolução clara, objativa, correta e vigorosa, convocou novamente todos os camaradas para a ação revolucionária, demonstrando que tanto no mundo como no Brasil as condições são favoráveis para os que se atrevem a lutar e persistem na luta.

A resolução do Comitê Central, embora tenha constatado o aumento do perigo de uma nova guerra mundial e o crescimento do emprêgo de métodos fascistas de govêrno por parte dos imperialistas ianques, dos revisionistas soviéticos e das demais fôrças reacionárias, considerou que a tendência política predominante é a de avanço da revolução do proletariado e dos povos oprimidos. Por isso, teve e continua tendo enorme importância o chamamento do camarada Mao Tsetung para que os povos se unam, enfrentem audazmente o imperialismo norte-americano, tomem o caminho da luta armada e mantenham com firmeza em suas mãos a bandeira da independência de seus países.

Êste o caminho que a vida apresentou de há muito para o povo brasileiro e que o Partido Comunista do Brasil vem preconizando cada vez com maior precisão, desde 1962, quando rompeu com o revisionismo. Êste o caminho que a ditadura militar impôs, de maneira ainda mais inexorável, a todos os democratas e patriotas, a partir de 1964.

Os comunistas têm provado de forma meridiana, e os fatos se encarregaram de comprovar sobejamente, que a ditadura não tem capacidade de resolver nenhum dos males que afligem as massas trabalhadoras e populares. Sob o regime dos militares, sucedem-se os atentados aos interêsses nacionais, a gente pobre vive cada dia mais espoliada e sacrificada, intensifica-se a repressão e tudo é feito para esmagar as aspirações do povo ao bem-estar, à democracia e à independência. Não obstante, ou por isso mesmo, a ditadura se isola e se enfraquece sempre mais. Seu poder é, na realidade, bastante precário. Está minado por dificuldades e contradições insuperáveis. Qualquer movimento popular ou qualquer calamidade de certa monta deixa os generais apavorados.

No entanto, como esclarece a resolução do Comitê Central, a ditadura não cairá por si mesma. Terá de ser derrubada pela violência revolucionária das massas. Esta a questão, de natureza urgente, que está posta na ordem-do-dia para tôdas as fôrças populares e progressistas.

Ao reconhecer a premência da solução armada, o Comitê Central balanceou os resultados das medidas de revolucionarização de suas fileiras, lançadas desde fins do ano passado. Concluiu que, apesar das incompreensões e de algumas manifestações oportunistas ainda existentes e recalcitrantes, a campanha de revolucionarização progrediu, conquistou êxitos. Não obstante, como se torna mais forte a necessidade de pôr em prática métodos e estilo revolucionários de trabalho, de aplicar enérgica e conseqüentemente a linha do Partido, o Comitê Central resolveu apelar veementemente para seus militantes no sentido de que rompam, sem vacilações, com a passividade e tudo que os impede de se entregarem à ação revolucionária. Nunca esteve tão evidente como hoje, para os revolucionários proletários, a idéia de que, quan

(Continua na página 6)

Programa de Ação do M.E.

Em princípios dêste mês, reuniu-se o Conselho da União Nacional dos Estudantes, a gloriosa organização representativa dos universitários brasileiros. A notícia enche de alegria a todos os que se interessam pelos destinos do movimento democrático estudantil e, sobretudo, que trabalham ativamente pela libertação e o progresso do povo brasileiro. Para chegarem a seu Conselho Nacional, os estudantes tiveram de percorrer uma dura caminhada. Enfrentaram feroz perseguição e travaram ásperos combates. Não foram poucos os que caíram nas garras da reação. Mas podem dizer com orgulho legítimo que também colheram algumas vitórias. Tudo isso torna mais significativo e alentador o acontecimento.

A reunião realizou-se sob o signo da solidariedade a Jean Marc, presidente da UNE que foi torturado pelos militares e se acha atualmente preso, sob o signo da solidariedade a todos os estudantes presos ou vítimas também da brutal repressão que se abate sôbre as fôrças patrióticas e populares brasileiras. Caracterizou-se por um animado debate democrático, pela preocupação de fortalecer a unidade do ME e dar uma viragem no trabalho, pelo espírito ofensivo de seus participantes no sentido de aprofundar a luta contra os inimigos fundamentais dos estudantes e do povo: a ditadura e o imperialismo norte-americano.

Ao analisar as condições atuais e ao fazer o balanço de suas atividades, o Conselho da UNE considerou o momento favorável à reaglutinação das fôrças do ME. Constatou que houve acumulação de novas fôrças, graças principalmente às expressivas vitórias alcançadas na Campanha Nacional Contra os Crimes da Ditadura, na luta pelo repúdio à Assessoria de Pelegos, na luta contra o decreto 464 e na elaboração de uma orientação e de um programa de ação fundamentalmente acertados para o ME.

Na troca de experiências havida, ficou ressaltado que o ME só poderá sair das suas dificuldades momentâneas e dar um salto à frente, na medida em que os elementos mais conscientes que dêle fazem parte tomarem iniciativas audazes e tiverem confiança em chamar as massas de estudantes para a ação em tôrno de objetivos concretos. A atitude espontaneísta e a conduta rotineira constituem os maiores entraves ao avanço e desenvolvimento das lutas estudantis. Julgou o Conselho que cumpre aos mais ativos darem o exemplo de abnegação e mostrarem como se defende, de modo organizado e conseqüente, as justas reivindicações dos estudantes e do povo. Ao mesmo tempo, indicou a importância de os estudantes superarem o sectarismo e saberem atuar com amplitude, utilizando tôdas as formas de luta e de organização, contanto que as mesmas possibilitem a execução de um intenso trabalho de esclarecimento e de mobilização das massas.

Após ter examinado a situação internacional e nacional e discutido a crise sem precedentes do ensino no país, crise provocada pelas recentes medidas da política educacional antidemocrática e antinacional da ditadura, o Conselho aprovou um importante Programa de Lutas para o segundo semestre de 1970.

No aspecto político, o Programa continua a mostrar a necessidade de concentrar o fogo de ataque na ditadura militar e no imperialismo norte-americano. Por isso, insiste para que os estudantes prossigam na Campanha Contra os Crimes da Ditadura, na denúncia viva do terrorismo dos militares e no desmascaramento da farsa eleitoral. Reitera a importância da campanha de solidariedade aos camponeses do NE e de mobilizar amplas fôrças sociais e políticas contra o entreguismo, a espoliação e o esfomeamento dos trabalhadores e das massas populares. Concita, finalmente, todos os estudantes a seguirem o exemplo dos povos que lutam por sua liberdade e independência.

No terreno do ensino, o Programa acentua a necessidade de denunciar a crise que lavra na universidade, apela para os estudantes se unirem em defesa de suas reivindicações e conquistas democráticas e para o combate à política educacional seletiva e pró-ianque da ditadura. Ou seja, os estudantes devem lutar contra as aulas de moral e cívica, o Projeto Rondon, o decreto 464, o jubilamento, as anuidades, o corte de verbas, etc. E lutar a favor de mais vagas, do ensino gratuito, do direito aos exames de 2ª época, de melhores condições de ensino, etc.

Enfim, no aspecto organizativo, o Programa recomenda a intensificação dos esforços para a reorganização do ME a fim de que o mesmo realize vitoriosamente o 31º Congresso da UNE, que dará, sem dúvida, nôvo e mais vigoroso impulso à luta pela mobilização e unidade dos estudantes e por sua maior integração com a luta libertadora e democrática do povo brasileiro.

As fôrças populares, em especial o proletariado revolucionário, devem continuar a oferecer o melhor de seus esforços para que o ME possa cumprir seu importante papel.

Comentário Nacional

A Pantomima Eleitoral

Mais outra grande farsa eleitoral está sendo montada pela ditadura para o próximo dia 15 de novembro. Todos os recursos e meios foram postos em ação para ludibriar o povo e dar aparência de democracia e legalidade ao atual regime militar-fascista.

Depois de Garrastazu ter indicado, com a colaboração dos serviços secretos, os futuros governadores e vice-governadores dos Estados, as Assembléias Legislativas se aprestam, servilmente, para ratificar as nomeações feitas pelo general-presidente. Tudo é encenado como se a conquista popular da eleição direta, mesmo com as sérias restrições conhecidas, nunca tivesse existido.

Por sua vez, a ARENA e o MDB, os únicos partidos consentidos, levaram a efeito o simulacro de convenção para a escolha dos seus candidatos as vagas de senador, à Câmara de Deputados e as Assembléias Legislativas. A extensa lista de nomes das chapas organizadas, não teve maiores dificuldades em ser aprovada, já que os futuros "representantes do povo" haviam passado pelo crivo de severa vigilância policial-militar. Apesar disso, onde existiram dúvidas sôbre a lealdade de alguns candidatos, as convenções fingiram independência e os recusaram. O exemplo de maior repercussão na recusa sucedeu em São Paulo, na convenção da ARENA. O principal alijado foi o senador Auro de Moura Andrade, grande pecuarista e industrial, que serviu à ditadura todos êsses anos com zêlo inegável.

O episódio é ilustrativo. A derrota de Moura Andrade, inflingida por seus parceiros arenistas, foi apresentada como resultado da orientação renovadora dos quadros políticos, que a ditadura está procurando levar a cabo no país. A verdade, contudo é bem diversa. Não se trata em absoluto, de liquidar as velhas práticas políticas dos partidos dominantes, como propalam os agentes do govêrno. Mas sim de promover velhos e jovens fascistas para as posições de mando, elementos de inteira confiança dos generais, candidatos que não tenham nenhum prurido de liberalismo nem outras veleidades senão as de servir, sem vacilações, ao supremo objetivo da ditadura: esmagar, a ferro e fogo, o movimento de resistência popular e patriótico. Como já deixou claro o general-Garrastazu: sua missão é a de consolidar o regime ditatorial, pela edificação de uma super-estrutura política com gente identificada com os desígnios da reação interna e do imperialismo norte-americano.

O senador Moura Andrade, apesar de reacionário notório, manifestava, entretanto, certas incompreensões e algumas discordâncias sôbre os métodos e processos que os militares vêm aplicando para fortalecer o sistema instaurado em 1964. Por isso, êle não convinha ao esquema de Médici. E como não interessava a êste, no momento, vetar abertamente o nome do ex-embaixador na Espanha, a solução encontrada para afastá-lo do pleito, foi a adotada pelos convencionais arenistas. E tanto melhor quanto aprovava em lugar de Moura Andrade, o nome de Hilário Torloni, um integralista de quatro costados, hábil politiqueiro e agente provocador dos serviços secretos.

O próprio senador derrotado explicou, em nota pública, as verdadeiras razões da poda que sofreu. "Eu havia sido um acérrimo defensor do poder civil e procurara evitar (...) que as razões formadas da Revolução se desvirtuassem num processo usurpatório da democracia."

Diante de tal espetáculo oferecido pelos dirigentes do regime, de que representação popular ou de que direitos e liberdades se pode falar? Que restauração democrática pode o povo esperar sob a batuta dos generais fascistas?

Na farsa eleitoral, um dos piores papéis foi reservado ao MDB. Ora fazendo jôgo de palavras sôbre se deve opor-se ao regime ou ao govêrno, ora declarando que reivindica a revogação dos AIs e o retorno a democracia, o chamado partido oposicionista na prática vem colaborando para que os generais alcancem seus criminosos objetivos antinacionais e antipopulares.

Agora, tanto a ARENA como o MDB estão conjugados com a máquina da ditadura para enganar o povo e caçar os votos do eleitorado. Lançam mão da demagogia mais desbragada e dos processos mais infames. Mas as genuínas fôrças da oposição democrática denunciam acerbamente o caráter mistificador da pantomima eleitoral realizada pela ditadura e continuarão a tudo fazer para aprofundar a luta revolucionária das massas e desencadear a guerra popular, cuja vitória dará ao povo um regime em que suas conquistas e seus direitos sejam efetivamente respeitados.

As Frentes de Trabalho no NE

FORTALEZA (Do Correspondente) - Os corifeus da ditadura, mesmo aturdidos diante da sêca e reconhecendo parcialmente o fracasso de seus planos de redenção do Nordeste, estão apregoando êxitos em sua atividade de assistência aos flagelados, sobretudo através das Frentes de Trabalho.

Mais outra mentira. As Frentes de Trabalho desde muito foram recurso utilizado pelos governantes passados a fim de explorar a imensa reserva de mão-de-obra, constituída pelos camponeses flagelados, em benefício dos latifundiários, grandes comerciantes e usurários nordestinos. Milhares de trabalhadores eram colocados, então, ao longo dos caminhos, munidos das ferramentas mais primitivas, para a execução de diferentes serviços, em geral não-produtivos. Dormiam ao relento. Recebiam salários mais do que miseráveis. Quando vez por outra retornavam aos lares, nos fins-de-semana, carregando para as famílias um pequeno saco de mantimentos obtidos na labuta das Frentes, tinham de percorrer uma dezena ou mais de léguas, a pé. Ao chegarem em casa, não raro se deparavam com a mulher e os filhos mortos pela fome. O Tesouro Público financiava as Frentes de Trabalho, que construíam açudes, estradas e outras benfeitorias, em proveito dos "coronéis" e sobas da região. Essas obras só aparentemente tinham caráter social. As classes dominantes, além de auferirem fabulosos lucros com a exploração dos flagelados, clamavam contra a emigração maciça dos mesmos para outras regiões do país. Como se não tivessem nenhuma responsabilidade sôbre a ruína dos camponeses, afirmavam que os retirantes iriam deixar seus ossos pelas estradas poeirentas ou se submeter à escravidão dos fazendeiros e capitalistas do Centro-Sul. Dessa forma, originou-se e floresceu a chamada "indústria da sêca".

Hoje, sob o guante da ditadura, o drama se repete. Só que em proporções mais vastas e em condições diferentes. Isto porque as massas camponesas do NE já têm alguma consciência do processo de espoliação que sofreram e estão vivendo. Já percebem que os açudes construídos, a água armazenada, os canais de irrigação formados ou as ocupações das terras devolutas em regiões distantes só têm servido para tornar mais prepotente e desumana a minoria de latifundiários, donos de quase tôda a terra nordestina.

As Frentes de Trabalho que a ditadura voltou a organizar objetivam sustar, de imediato, a maré montante das ações camponesas e manter as massas flageladas sob rígido contrôle. Suas características e finalidades são idênticas às das anteriores. Entretanto, as Frentes não conseguem satisfazer as exigências de trabalho da imensa massa de flagelados. Pelos cálculos da ditadura, nelas trabalham atualmente uns 300 mil homens. Existem umas 20 Frentes no Piauí, 18 no Ceará, 23 em Pernambuco, 17 na Paraíba, 11 no R.G. do Norte, 1 em Alagoas, 3 em Sergipe e 3 na Bahia.

A ditadura quer dar fôro de legalidade ao salário de 2 cruzeiros por dia ao trabalhador das Frentes. Em recente visita ao NE, o ministro da Agricultura disse que êsse salário não pode ser aumentado para 4 cruzeiros porque "há o perigo de, após a sêca, os flagelados se recusarem a voltar aos locais de origem, por ser esta uma situação bem melhor que a vida de antes". A ditadura assim não apenas tenta legalizar o arbítrio, mas também a miséria. Com os 2 cruzeiros o flagelado tem de comprar feijão, farinha, rapadura, banha, sal e outros mantimentos para si e sua família. Os prepostos da Comissão Brasileira de Alimentos — Cobal — afirmam que não podem distribuir de graça gêneros nem refeições aos flagelados porque isso "só viria agravar a situação com novos problemas de ordem social". Alegam, ainda, que os comerciantes estão suportando prejuízos e o comércio não deve ser extinto.

Sob o pretexto de que os civis não são eficientes nem têm capacidade de organização, o Exército está controlando as Frentes de Trabalho e sendo apresentado como o melhor protetor dos flagelados. Na verdade, debaixo da vigilância dos militares, os camponeses são submetidos a humilhações e vexames de toda ordem. As Frentes se converteram em autênticos campos de concentração. Os trabalhadores não têm direito a nada. Enquanto a comida, a água, a condução e os medicamentos para os militares são de primeira qualidade, os flagelados comem quando podem, bebem água poluída, andam a pé dezenas de quilômetros e vivem sob precárias condições de saúde e assistência. Qualquer gripe mais forte os dizima.

Tanto as manobras como as mentiras da ditadura são pois, desmascaradas pelos fatos. Nas Frentes de Trabalho, os flagelados demonstram insatisfação e já começam a lutar organizadamente por alguns de seus direitos. E não tardará o dia, em que as massas camponesas do NE e todo o povo brasileiro, convencidos de que a ditadura é incapaz de resolver os problemas do NE e do país, recorrerá à luta armada revolucionária, ao caminho da guerra popular, para conquistar a terra e uma vida melhor.

Complô Contra os Povos Árabes

O que significa a chamada solução pacífica do problema do Oriente Médio? Que representa o chamado "Plano Rogers", que primeiro o Egito e a Jordânia e depois Israel resolveram aceitar, com as conhecidas reservas, para o "estabelecimento da paz" entre os povos árabes agredidos e os agressores sionistas-imperialistas?

Na verdade, a "solução pacífica" preconizada para o conflito no Oriente Médio tem em vista principalmente liquidar a resistência armada do povo palestino e fazer um ajuste entre as fôrças reacionárias árabes e os revisionistas soviéticos de um lado, e as fôrças sionistas-imperialistas norte-americanas, de outro, a fim de sacrificar os interêsses do povo palestino e a causa da libertação nacional e democrática dos povos árabes.

O "Plano Rogers" foi elaborado meticulosamente entre os representantes dos Estados Unidos e da União Soviética, no ano passado. Apesar de não ter sido publicado integralmente pelo govêrno norte-americano, esse plano prevê entre suas cláusulas, a aplicação das Resoluções do Conselho de Segurança da ONU, o cessar-fogo entre os beligerantes, a solução do problema palestino e o reconhecimento "de jure" do Estado de Israel. Tudo isso, através de negociações, encaminhadas pela missão Jarring, da ONU.

Está assim em curso uma sórdida manobra das duas grandes potências para proteger os agressores sionistas e impedir o crescimento da luta dos povos árabes contra a opressão e a espoliação estrangeiras. Ora, qualquer acôrdo baseado no sacrifício dos interêsses do povo palestino e demais povos árabes será falso, estimulará os apetites dos agressores, não conduzirá a paz.

Por essa razão, o Conselho Central da Resistência Palestina rejeitou firme e categòricamente o "Plano Rogers" e resolveu persistir em sua luta para conquistar a libertação de seu país. Declaração emitida após a reunião plenária do Conselho, realizada em Amã, capital da Jordânia, a 9 de agôsto, não deixa lugar a dúvidas: Rechaça as Resoluções do Conselho de Segurança da ONU, de novembro de 1967, opõe-se ao acôrdo de cessar-fogo entabulado entre os imperialistas norte-americanos e os revisionistas soviéticos e repele as medidas de liquidação da resistência armada do povo palestino. A Declaração assinala ainda que alguns elementos ligados ao sionismo e ao imperialismo norte-americano acenam aos povos árabes com a promessa da criação de um Estado Palestino desfigurado. Na realidade, querem entregar parte da terra palestina ao contrôle do militarismo sionista e imperialista. Querem, além disso, conforme provam os fatos, atirar as fôrças árabes e palestinas umas contra as outras, a fim de fragmentar e decompor a unidade das fôrças hostís, tanto ao sionismo como aos reacionários árabes. Tudo isto é parte inseparável do plano ianque. A Declaração esclarece: "As autoridades jordanianas retiraram numerosas unidades do Vale do Jordão e as fizeram estacionar nos arredores de Amã, com o objetivo de colocar a Resistência Palestina entre o fogo das tropas da invasão imperialista-sionista e a pressão das autoridades jordanianas. O Conselho Central vê nestes fatos uma clara tendência para uma quarta campanha de cerco e aniquilamento e um complô para a concretização de horrível e sangrento massacre dos combatentes palestinos, tendo em vista prejudicar a Resistência Palestina e preparar condições favoráveis à fixação de fronteiras seguras para Israel".

Após denunciar o caráter do acôrdo e o sentido do complô dos seus inimigos, a Declaração revela que o movimento palestino continuará senhor absoluto de seu direito à luta pela autodeterminação de sua pátria e que não aceita nenhuma forma de subordinação e intervenção. E termina concitando todos os destacamentos da Revolução Palestina a prosseguir na luta armada contra o inimigo sionista-imperialista até que o solo nacional esteja completamente libertado e o povo livre.

Por sua vez, o jornal "Al Fatah", combatendo enèrgicamente o "Plano Rogers", escreveu recentemente: "Golpearemos o inimigo dentro e fora da Palestina. Vamos perseverar na luta armada em tôdas as frentes enquanto restar no campo de batalha um único combatente vivo, até conquistar a vitória definitiva. Lutaremos não só contra o inimigo sionista como também contra os planos dos imperialistas norte-americanos, que se mostraram abertamente como inimigos dos povos árabes."

O povo brasileiro, amante da liberdade mas também oprimido pelos imperialistas ianques, está de coração ao lado do povo palestino e dos demais povos árabes. Apóia a atitude resoluta do povo palestino, ao rechaçar o complô imperialista-revisionista e ao decidir o prosseguimento na luta armada para expulsar os agressores e libertar sua pátria. Ninguém, a não ser o próprio povo palestino e os povos árabes, pode resolver os problemas do Oriente Médio e liquidar a agressão de Israel.

A causa do povo palestino e dos povos áraves é justa e será fatalmente vitoriosa.

Avança o Povo Cambojano

A luta armada de libertação que o povo cambojano trava, sob a direção da Frente Única Nacional, tem imposto contínuos revezes aos agressores ianques e abalou os alicerces do regime fascista de Lon Nol.

Diàriamente chegam novas notícias sôbre as vitórias que as fôrças patrióticas conquistam criando uma situação bastante favorável. As Fôrças Armadas de Libertação cambojanas libertaram 2/3 partes do território do país e desde que os agressores ianques e seus títeres desencadearam a agressão, as fôrças patrióticas cambojanas puseram fora de ação a cêrca de 40.000 dos soldados da reação, dos quais mais de 12.000 eram norte-americanos. Sòmente no período de 25 de junho a 7 de julho, as Fôrças Armadas de Libertação cambojanas aniquilaram mais de 2.000 soldados inimigos nas regiões de Pienchen e Chu, na província de Kompongchan. A maior parte das vias de comunicação se encontram sob contrôle das fôrças patrióticas que golpeiam continuamente as fôrças inimigas. Em 3 de agôsto, as fôrças patrióticas cambojanas armaram uma emboscada a uma coluna de veículos do inimigo, que transportavam reforços para as tropas de Lon Nol em Scong, destruindo todos os carros. Em 4 de agôsto, atacaram na província de Kompong Speu um acampamento das fôrças armadas de Lon Nol. Não são poucas as vêzes em que os estampidos dos fuzis dos guerrilheiros são ouvidos na própria capital, Pnohn Pehn. Recentemente, as Fôrças Patrióticas cambojanas atacaram as tropas da camarilha golpista a apenas 7 km de Pnohn Pehn. As agências de notícias assinalam que a cidade pode ser atacada de um momento para outro pelas Fôrças de Libertação. As contínuas vitórias das Fôrças de Libertação são uma prova da superioridade da guerra popular travada pelo povo cambojano contra os inimigos imperialistas ianques e seus instrumentos e lacaios. Apesar das enormes ajudas concedidas pelos imperialistas norte-americanos ao govêrno de Lon Nol, e apesar da intervenção direta para esmagar a luta de libertação do povo cambojano, a camarilha que usurpou o Poder se decompõe cada vez mais.

Nestas condições, os imperialistas ianques, que pretendem transformar o Camboja em base para a aplicação de sua estratégia reacionária no Sudeste asiático, fazem tudo o que está ao seu alcance para modificar, por pouco que seja, a situação e consolidar os fundamentos abalados da camarilha golpista de Lon Nol. Suas medidas principais se voltam para a consolidação e modernização do Exército reacionário cambojano. Informa-se que se fazem febrís esforços para elevar os efetivos do Exército reacionário cambojano a 200.000 homens, apetrechados com modernas armas norte-americanas. Por outro lado, a aviação dos Estados Unidos intensificam as suas incursões, bombardeando cada vez mais selvagemente as zonas libertadas e apoiando diretamente as operações das tropas de Lon Nol, comandadas por oficiais ianques. Os Estados Unidos intensificam também as ajudas econômica e militar ao bando de Pnohn Pehn que deverão atingir a cifra de 50 milhões de dólares. O apoio que o imperialismo ianque dá à camarilha golpista de Lon Nol é aprovado oficialmente pelos revisionistas soviéticos que, mantendo relações diplomáticas com a camarilha de Lon Nol, se alinham de fato ao lado dos inimigos do povo cambojano.

Contudo, apesar dos esforços dos imperialistas ianques e seus instrumentos, a luta do povo cambojano continuará avançando até a vitória completa, não havendo fôrças ou recursos que possam afastá-la dêste caminho. O povo cambojano, compactamente solidário e colaborando intimamente com os outros povos da Indochina, destroçará a camarilha reacionária de Lon Nol e seu amo o imperialismo ianque.

Romper a ... (Continuação da 1ª página)

do uma situação objetiva se apresenta favorável, a decisão depende da audácia dos dirigentes e militantes. Portanto, aos comunistas cabe aproveitar a situação favorável e empreender a luta revolucionária, revelando espírito de iniciativa e capacidade organizadora.

O Comitê Central expressou tôda sua confiança em que as organizações e militantes comunistas saberão cumprir com honra suas tarefas. O Partido Comunista do Brasil é o único e verdadeiro partido da classe operária. Possui as melhores possibilidades para transformar-se, de fato e ràpidamente, na fôrça de vanguarda da revolução brasileira.

O «Esquadrão» e o Regime Militar

Nunca, neste país onde a polícia sempre se caracterizou pelo arbítrio, a violência, a corrupção e a impunidade, se conheceu algo de semelhante à orgia de sangue desencadeada por essa ramificação clandestina e oficiosa do aparêlho policial denominada de "Esquadrão da Morte". As coisas chegaram a tal ponto que, em S. Paulo, o acomodatício Poder Judiciário se viu forçado a protestar com certa veemência, reclamando providencias do govêrno central. Alguns jornais, ditos liberais, se juntaram a esse protesto e anunciam que Garrastazu tomará medidas "enérgicas" contra o "Esquadrão".

O assunto transcende o noticiário sensacionalista e policial. Todos sentem que o surgimento ou o recrudescimento das atividades do "Esquadrão" é parte integrante do quadro de repressão policial-militar que se instalou sem freios no Brasil a partir do golpe de 1964. Os comentaristas políticos da grande imprensa acreditam ver nessa anunciada disposição do govêrno Médici mais um sintoma de que o país marcha para a normalização ou reabertura democrática.

No entanto, as interpretações da Justiça e da imprensa reacionária a respeito do "Esquadrão" são falhas. E as esperanças de que a ditadura militar cumpra, nesta e em outras áreas, as velhas promessas de abertura democrática, são ilusórias.

Gangsterismo Oficializado

O "Esquadrão" não é exatamente a expressão de uma vingança cega, doentia e desproporcional de policiais revoltados pela morte de colegas por marginais. Não surge do "respeitável" desejo de livrar a sociedade de bandidos perigosos e supostamente irrecuperáveis. Nem é fruto de uma concepção bárbara, e sobretudo contraproducente, de combate à criminalidade. Tampouco reflete o desencanto de policiais com a morosidade, a ineficiência ou a complacencia da Justiça na punição de delinqüentes. O "Esquadrão" apenas utiliza tôda essa motivação para justificar sua existência junto a certas camadas da opinião pública, em especial as camadas mais atrasadas politicamente.

São razões de um sombrio primarismo. Ao tentar, com elas, justificar seus métodos, o "Esquadrão" se revela a expressão concentrada dos componentes medievais do Estado brasileiro. Simbolizam a visão e os métodos repressivos do jagunço e do pistoleiro a serviço do "coronel" latifundiário. Tudo isto, transferido para as areas mais "desenvolvidas" e "civilizadas", tais como S. Paulo e Guanabara, combinou-se com a ideologia importada dos Estados Unidos, do "herói" e do "bandido" da sub-literatura policial e em quadrinhos. Não é por acaso que um dos agrupamentos do "Esquadrão" na Guanabara se auto-denomina "Killing", nome de um desses "heróis", particularmente sádico.

Mas não sao exclusivamente essas concepções medievais ou o sadismo de alguns esbirros que explicam o "Esquadrão". Numa época em que os roberto campos e delfim neto exaltam o "espírito empresarial", os honoráveis membros do "Esquadrão" não poderiam deixar de prestar tambem sua homenagem à Sua Majestade, o Lucro. Assim, o "Esquadrão" representa uma emprêsa lucrativa. Não mata de graça. Já ficou demonstrada a sua participação no tráfico de entorpecentes e em outras áreas rendosas do crime organizado como emprêsa comercial. O "Esquadrão" suprime fisicamente os membros das quadrilhas rivais, vende "proteção", pratica extorsões e latrocínios. Outra atividade lucrativa, embora em escala mais artesanal, é a obtenção, por meio de torturas, antes do assassinato de um pequeno marginal, de indicações a respeito de onde se encontram escondidos valores roubados, etc. Tais valores nunca mais são vistos.

O "Esquadrão", portanto, é realmente uma quadrilha de gangsters constituída por policiais, que utiliza o aparêlho repressivo do Estado e que conta com a participação e a conivencia de quase tôda a polícia, principalmente de sua cúpula.

A cumplicidade dessa cúpula nos crimes da quadrilha é fato também comprovado. Quase todos os figurões da polícia, nos lugares onde funciona o "Esquadrão", lhe oferecem cobertura. De outra forma, êle não poderia existir, pois seus membros são muito conhecidos entre os policiais. Qualquer repórter de polícia sabe seus nomes. No entanto, esses figurões o defendem à socapa, adotando em público a linha de negar a sua existência. Tudo indica que os lucros do "Esquadrão" são bem distribuídos!

O Sentido Político do "Esquadrão"

Hoje, sob o regime militar, as polícias são dirigidas e comandadas, pode-se dizer que obrigatoriamente, pelo Exército que nomeia oficiais para Secretários de Segurança Pública de cada Estado da Federação. Ora, foi precisamente após a instituição dessa praxe que o "Esquadrão" intensificou sua atividade na Guanabara e no Estado do Rio e estendeu-a a S.Paulo, ao Espírito Santo e agora a Bahia. Por conseguinte, o "Esquadrão" não existe à revelia dos militares. Pelo contrario, êstes o estimulam, inspiram e comandam. Os oficiais

(Continua na página seguinte)

O "Esquadrão" e o ... (Continuação da pág. 7)

Secretários de Segurança de S. Paulo e Estado do Rio o defendem. Em S. Paulo, o coronel Cunha Melo, secretário de Segurança, criticou em nota pública, a manifestação da Justiça contra o "Esquadrão". No Estado do Rio, o general Perlingeiro, que ocupa o mesmo cargo, nega a sua existência, isto é, o defende. Neste Estado foi constituída uma Comissão para investigar os crimes do "Esquadrão", que ali atingem a casa dos milhares. O delegado de polícia que participava da referida Comissão trazia ostensivamente no cinto um chaveiro da "Scuderie Le Cocq" com a caveira, as tíbias cruzadas e as iniciais "E.M.". Aos jornalistas explicou, com tôda desfaçatez, que "E.M." queria dizer "Esquadrão Motorizado" e não "Esquadrão da Morte". Na verdade, a "Scuderie Le Cocq" é a fachada legal do "Esquadrão". O delegado nomeado pelo Secretário de Segurança para investigar os crimes do "Esquadrão" era provavelmente membro do "Esquadrão"...

O estímulo dado pelos militares ao "Esquadrão" tem um evidente sentido político. Os crimes dessa quadrilha, praticados com requintes de ferocidade, contribuem para criar no povo o mêdo pânico da polícia e erigir o método da eliminação sumária dos elementos julgados marginais como o mais eficiente. E a ditadura militar vem se caracterizando cada dia mais como uma ditadura terrorista. Só pode se manter no Poder mediante o emprêgo do terror policial.

Para a atividade repressiva direta, o "Esquadrão" é uma fonte de "quadros". O general Viana Moog, quando, em 1969, assumiu o cargo de Secretário da Segurança Pública de S. Paulo, indicou para a Divisão Estadual de Ordem Política e Social dois conhecidos carrascos e chefes do "Esquadrão" paulista, os delegados Sérgio Fleury e Hélio Tavares. O primeiro dêsses celerados foi o covarde assassino de Carlos Marighela.

A existência dos "Esquadrões", em plena ditadura militar, constitui algo de mais sério e importante do que a generalização, no âmbito da polícia, de simples e antiga corrupção junto com os não menos antigos hábitos de arbítrio e violência. Mostra por que métodos os militares pretendem exercer sua tutela sôbre o país e quais suas verdadeiras intenções a respeito das grandes massas do povo brasileiro.

A Atitude de Garrastazu

Frente a essa nova e maior onda de repúdio ao "Esquadrão", surgida ùltimamente, o govêrno de Garrastazu Médici, com seu costumeiro cinismo, faz manobras e negaças. De início, pela palavra do ministro da Justiça, o integralista Buzaid, adotou a linha de "desconhecer" a existência do "Esquadrão". Posteriormente, ante o clamor erguido entre os círculos mais liberais das classes dominantes, passou a prometer drásticas providências e determinou que uma Comissão, supervisionada pelo ministro Buzaid cuidasse do assunto. A imprensa da reação anunciou em grandes títulos que o govêrno declarara "guerra ao Esquadrão".

Seria ingenuidade acreditar nisso. A ditadura representa uma farsa ao fingir surprêsa diante das façanhas do "Esquadrão". Ela o conhece muito bem, dispondo como dispõe de uma vasta rêde de informações e espionagem, tecida pelo SNI, em todos os setores da vida nacional. Se quizesse realmente acabar com o "Esquadrão", a ditadura não precisaria mandar o ministro da Justiça criar uma Comissão. Usaria seus podêres discricionários para isso e o conseguiria em horas. A ditadura militar jamais teve escrúpulos em cassar, espurgar, prender, torturar e matar sem dar satisfações a ninguém. Faz isto com cientistas, professores, estudantes, operários, com oposicionistas de tôdas as tendências, enfim, com os melhores patriotas dêste país. Por que não reprime os policiais criminosos? Por que fala em iniciar investigações a respeito do "Esquadrão"? Por que a Censura da Polícia Federal, em S. Paulo, proibiu, por ordens superiores, depois de tê-lo liberado, um programa de televisão onde poderiam aparecer algumas denúncias contra o "Esquadrão"?

A ditadura militar, em face do escandaloso e inquietante caso do "Esquadrão", tenta preservar sua respeitabilidade aparente. Recorre à tática da simulação. Simula surprêsa, simula indignação, simula investigar. Simulará mesmo algumas medidas. Mas nada fará para acabar efetivamente com o bando de assassinos oficiosos. Poderá, quando muito, punir algum bode expiatório de escassa importância. Punição naturalmente bastante leve, porque quem a aplicará será a própria justiça dos militares. Enquanto isso, o "Esquadrão" será aconselhado a reduzir, moderar ou acobertar melhor sua atividade, por um certo tempo, tudo de acôrdo com os interêsses reais da ditadura.

Os atuais governantes sabem que precisam do "Esquadrão". Os oficiais que torturam e matam patriotas, gostam muito de falar, em seus discursos cheios de retórica, dos "elevados princípios morais", dos "valores da civilização cristã", da "imagem do Brasil grande", etc, etc, que norteariam suas atividades. Na verdade, dão-se muito bem na companhia de assassinos profissionais. Trombeteam sua pretenção de instalar uma ordem democrática e de respeito à lei. Na verdade, instauraram, em 1964, a única lei e o único regime que conhecem: a da vontade dos generais reacionários, a da repressão selvagem e feroz contra o povo.

E, afinal, o que é a ditadura militar senão um enorme e hediondo "Esquadrão da Morte" verde-oliva, voltado contra noventa milhões de brasileiros?

Missão do Cinismo

A ditadura militar está preparando uma "luzida" delegação de 20 senadores e deputados para participar da Conferência da União Interparlamentar, a realizar-se em Haia, Holanda, na primeira quinzena de outubro próximo. Essa delegação terá a incumbência de "retocar", para os representantes do mundo ocidental e revisionista, a imagem do Brasil que, segundo os fâmulos do regime, acha-se deturpada no estrangeiro. Ou melhor, a delegação está encarregada de refutar as acusações de que os militares brasileiros no Poder empregam como rotina métodos de tortura nos presos políticos e cometem outros atentados à dignidade da pessoa humana.

Alguns parlamentares da ARENA, já indicados, antecipando sua posição e tentando convencer os "oposicionistas" do MDB que, possivelmente, integrarão a caravana, afirmam: "Nós não temos nada a esconder. Muito pelo contrário. Temos é que esclarecer a opinião pública mundial, chocada com falsas notícias divulgadas no exterior". Pode ser que os representantes do MDB percam seus receios de vésperas de eleições e sigam também para Haia. Assim sendo, o diabo os fêz e o diabo os juntou.

Garrastazu mostra-se pessoalmente interessado na escolha dos parlamentares que devem compor a delegação. Êle não deseja que ocorra outro fracasso, igual ao sucedido na última reunião da OEA, quando, por "acidente eleitoral", Vicente Rao não foi eleito para a Comissão Jurídica dessa Organização fantoche. Neste momento, se tornou público que o govêrno da Venezuela ameaçou propor o desligamento do Brasil da União Interparlamentar. Mais dificuldades, portanto, para a diplomacia da ditadura, que já vinha despendendo esforços para compor-se com os venezuelanos a fim de reconduzir Rao à Comissão Jurídica. Agora tem de fazer novos malabarismos e, naturalmente, concessões, para evitar o vexame de ser também excluído da União Interparlamentar.

A missão dos parlamentares do Brasil será evidentemente a do cinismo. Não há outro qualificativo. Só indivíduos despudorados e destituídos do mais simples respeito pela verdade podem tomar tão infame encargo. No entanto, a publicidade da ditadura anuncia que o finório deputado Flávio Marcílio já alinhavou um discurso para ser lido em Haia pelo senador Manoel Vilaça, chefe da delegação parlamentar. Com êsse discurso pretende a ditadura responder à "campanha que destorce a imagem do país lá fora."

Não será porém com discursos de chicaneiros, que Médici conseguirá esconder suas selvagerias contra o povo nem apresentar seu govêrno como modêlo de democracia, com parlamento funcionando, com imprensa livre, direitos individuais respeitados, etc. Nada nem ninguém será capaz de desconhecer que várias dezenas de presos políticos brasileiros sofreram pena de banimento ao serem permutados com embaixadores estrangeiros sequestrados; de negar a confissão pública do gorila Muricy, que asseverou existirem só nas masmorras do Exército cêrca de 500 presos políticos; de esconder que na penitenciária "Tiradentes", em São Paulo, encontram-se mais de 800 prisioneiros políticos; e de ocultar que dezenas de patriotas foram assassinados, outros tantos mutilados, outros seviciados e mais outros mantidos como simples reféns. Que irá dizer também a missão parlamentar da escandalosa e comprovada atividade do "Esquadrão da Morte"?

Pode-se dizer que é difícil, senão impossível, no mundo de hoje, ocultar, mesmo por algum tempo, os fatos ocorridos em qualquer parte. Só o primarismo dos generais e o servilismo de seus áulicos podem conceber a denúncia das torturas e dos assassinatos praticados sob o regime militar como fruto de uma conspiração ou da subversão. Não percebem que ainda há países que não foram transformados num imenso quartel e, por isso, acham estranho que muitas pessoas não só se horrorizem mas sobretudo fiquem indignadas ao saber o que se passa com gente simples e patriotas que caem nas mãos dos atuais carrascos que governam o Brasil.

Por mais que se afane, a ditadura não impedirá que no estrangeiro os meios de difusão e diversas organizações e personalidades tomem conhecimento das monstruosidades praticadas pelas Fôrças Armadas brasileiras. Exatamente, ao serem mais conhecidos o terrorismo e a falta de direitos e garantias à pessoa humana no Brasil é que aumenta o repúdio contra os crimes dos militares. A exemplo do que surgiu em países da Europa e da América Latina, também nos Estados Unidos foi criada uma Agência Central de Informações sôbre o Brasil, com o objetivo de denunciar os fatos referentes às torturas, à repressão e ao terrorismo da ditadura. Êsse movimento de solidariedade se amplia, intensifica seu trabalho e recebe grande apoio de vários e importantes setores da opinião pública nos países em que atua.

Quem tiver um mínimo de dignidade humana, esteja no Brasil ou no estrangeiro, pode verificar com facilidade onde se encontram e quais são os verdadeiros responsáveis por tantas barbaridades. Concluirá lògicamente que quem desmoraliza o Brasil no exterior é a ditadura militar, que não se peja de mentir e de declarar, com todo desplante, que o país vai bem mas o povo vai mal.

Os que denunciam e lutam aqui e no estrangeiro contra os crimes da ditadura, são autênticos patriotas, prestam relevante serviço à causa da liberdade e da democracia, da justiça e do bem-estar do povo.

A Estrada da Entrega

A ditadura militar vem realizando tremendos esforços no sentido de provar que sob sua direção o país se desenvolve e de apresentar-se como nacionalista. São máscaras que a camarilha de generais reacionários usa para enganar as camadas menos conscientes de nosso povo. Denunciada como inepta e entreguista, preocupa-se em disfarçar o conteúdo antinacional e antipopular do regime e recorre a medidas inócuas ou à mais desbragada demagogia. Revelando seus pendores histriônicos, o caricato Garrastazu enrolou-se na bandeira nacional e saiu pulando para os fotógrafos da imprensa, a pretexto da vitória do time brasileiro na Copa do Mundo, numa ridícula tentativa de capitalizar para o govêrno o feito dos nossos jogadores de futebol. Entre as medidas dessa demagogia desenvolvimentista e pseudo-nacionalista sobressai atualmente a Estrada Transamazônica.

É um dos pratos fortes que os "cérebros" do regime, carente de qualquer apoio popular, tiraram repentinamente da cartola. Assustada com a crescente insatisfação e algumas vigorosas ações dos camponeses famintos do Nordeste, a ditadura resolveu apresentar a idéia como solução milagrosa para os problemas desta região e da Amazônia. De uma hora para outra, foi elaborado o decreto-lei da Integração Nacional e, com êle, apareceu, riscado no mapa, o traçado da "Estrada da Integração Nacional", atravessando tôda a imensa e deserta Amazônia. E a propaganda governamental já a decanta em todos os tons. E já todos os ministros passam a conceder longas entrevistas sôbre a estrada! E já estão abertas as concorrências para as firmas construtoras! E estas já se aprestam para iniciar as obras, com a cooperação de alguns batalhões rodoviários do Exército! A ditadura supõe que tem agora um grande trunfo para a motivação "psico-social" de que falam os manuais de guerra psicológica elaborados pelos "experts" norte-americanos.

Acontece porém que o povo brasileiro não está se deixando empulhar tão fàcilmente. De saída, o famoso projeto sofreu tôda sorte de críticas. Principalmente os camponeses nordestinos, que sentiram os efeitos da falência do Nôvo Nordeste e verificaram o sentido das "reformas" da Sudene, não se mostram dispostos a cair no conto. Sabem, além disso, que estão condenados a morrer de fome e de febre na região inóspita, como nos tempos da Madeira-Mamoré ou do Exército da Borracha. A promessa de distribuição de terras, naquelas distâncias, não os ilude tanto. Ao contrário, os ajuda a compreender que, na realidade, Médici procura forçá-los a sair do Nordeste para preservar as terras dos latifundiários que sustentam e apoiam a ditadura. Positivamente, exportar camponeses nordestinos com a intenção de colonizar as margens da Transamazônica e "integrar a Amazônia" é coisa que só podia sair do bestunto dos generais reacionários! O que prova que a ditadura também carece de cérebros...

Mas há críticas também de natureza técnica. A construção de uma estrada tão longa, sobretudo na Amazônia, não se projeta com o açodamente demonstrado pela ditadura. Nesta ordem de idéias estão as reservas esboçadas por entreguistas notórios como Roberto Campos. É que êstes agem na área do entreguismo aberto e descarado e são hostís a qualquer tipo de demagogia "nacionalista". Outras críticas expressam o descontentamento de setores das próprias classes dominantes do Nordeste, que, além de verem as verbas destinadas à sua região sofrerem desvio, ainda por cima perderão mão-de-obra barata e outros recursos, com a construção da Transamazônica. Em outro plano, surgiram insinuações (muito fundadas, considerando que o coronel Andreazza é ministro dos Transportes) de que um projeto tão caro, executado às pressas, ensejaria negociatas num grau acima do normal em obras públicas.

Quanto ao proclamado sentido nacionalista da iniciativa, dentro do slogan demagógico de "integrar para entregar", já se sabe a quem serve a Transamazônica. O traçado da monumental estrada, por uma dessas coincidências que fazem bater mais forte o coração sensível dos imperialistas norte-americanos, atravessa as regiões riquíssimas em minérios de ferro e outros, nas quais trustes, como a "United States Steel", obtiveram grandes concessões de exploração.

O patriotismo da camarilha militar é só um biombo verde-amarelo. Por trás, sempre, está a entrega do país ao imperialismo norte-americano. Até as máscaras com que procura disfarçar-se servem para reconhecê-la.